NELSON MOTTA

● *Baby Consuelo acaba de fazer duas hiper-sucessosas apresentações no Circo Renascenti, que está armado no Circo dos Barris, de Salvador. No próximo dia 14 ela faz uma única apresentação no Castro Alves, ao lado dos Novos Baianos e, acaba de ser escolhida a Rainha dos Artistas de Salvador, sendo coroada no dia 23 no lendário baile dos artistas do Teatro Vila Velha. A coroação ficou pela promotora do baile, a jornalista e atriz Nilda Spencer. E (Baby) já confirma com o dono do Renascenti (que tem capacidade para 1.200 frenéticos) para fazer, a partir de março, um giro por todo o Brasil com o circo em questão, acompanhada pelos Novos Baianos, é claro.*

Baby Consuelo: turnê circense

O foto-cineasta Ivan Cardoso (que já tem no forno o "Lago Maldito", curta-metragem estrelado por Wilson Grey) acaba de receber uma missiva de congratulações do lendário político gaúcho Dyonélio Machado, por ter arrebanhado o prêmio *hors-concour* do festival de Gramado com o documentário-ficção "O Centauro dos pampas", feito justamente sobre a lendária militância parlamentar do remetente acima citado. Num trecho da carta Dyonélio mandou: "... o velho, que em seu gabinete, pronuncia palavras já esquecidas de línguas mortas, foi também um moço(...) que valoriza a vida, certo de que a vida só abandona prematuramente aqueles que a abandonam."

Carnaval de 79 não vai ter de volta a sátira política

A sátira política sempre foi um dos fortes da música de carnaval, música pra-pular brasileira. Mas, apesar da concretude da abertura em relação à imprensa e artes nacionais, espelhada em trabalhos recentes de Chico Buarque, no talento de Max Nunes e Haroldo Barbosa conquistando novas áreas de crítica no "Planeta dos homens", não há notícias do humor popular voltando a se expressar — óbvia e geralmente em reclamação — nas marchinhas e sambas que o povo vai cantar nas ruas. Que não se tenha a ingenuidade de pretender a submissão do delírio e do paganismo da festa popular ao "fazer política no carnaval"; apenas e tão somente a sátira se constitui em farta inspiração ao humor nacional, cabendo aos políticos fornecer amplas massa de matéria-prima.

'Espírito infantil' incendeia franceses

A partida dos integrantes da recente revoada de franceses — que dividiam-se em representantes da TV e do rádio, da revista "Rock Folk", da discoteca Le Palace e por um da WEA francesa — deixou resíduos satisfatórios nas lides sonoras nativas: dos shows que assistiram, com o intuito de avalisar artistas *brazyleyros* para o mercado francê, o de Ney Matogrosso, o de Zezé Motta e o da Cor do Som foram os que mais causaram espanto, principalmente o da Cor, que acabou resultando no arremate do "Espírito infantil" (música de seu primeiro Lp) para ser tema de um futuro-breve programa de rádio.

A Cor do Som na rádio francesa

1 *Acaba de ser traduzido pela primeira vez no Brasil o escritor Charles Bukowski, que começou a escrever depois dos 50 anos (hoje tem 60). Alemão de nascimento e "norte-americano por deslumbramento" Bukowski pertence à esfera de Faulkner, Celine e Jaçques Kerouac e lançou-se na literatura encorajado por Henry Miller. A tradução-debut do velho Buk, como é conhecido, vem através do último número da revista "Lui" com o conto "Zoológico libertado", extraído do seu primeiro livro, "Erections, ejaculations, exhibitions and general tales of ordinary madness*

2 *A Editora Pedra Q Ronca (mentorizada pelo poeta Wally Salliormoon) está pondo no prelo o livro 'Baticum', de Sônia Lins. O romance tem capa — e ilustrações — da própria — desenhos e letras poéticas sobrepostas modernissimamente. A apresentação é assinada por Mário da Silva Brito — "No ritmo da invenção": "Baticum" é a palavra onomatopáica para a batida cardíaca, e esse zabumba que ritma o compasso do viver (...). Baticum é a renovação de um gênero (...) Já é o futuro folheando o antanho — e rindo-se gostosamente de suas estruturas arcaicas, dos seus fundamentos tradicionalistas (...) Mas o livro não é um petardo destruidor, uma bomba de ação retardada (...). Por isso Baticum é um texto libertador. Libertador e arrebatador."*

● *Valerie Carter, a super-gata que a coluna apresentou, parece que sobe de vez ao Olimpo musical dos EUA. A crítica vem endeusando de vez a já deusa, por seu segundo álbum, "Wild child", pondo-a ao lado de Linda Ronstadt no ranking das canárias oriundas da Califórnia. O repórter Dave Marsh arredonda seus freementes e freqüentes elogios a ela dirigidos, com um bombástico escrito: "Antes — na época de lançamento do seu primeiro Lp — eu a considerava mais uma a engajar-se na legião de imitadoras de Miss Ronstadt, mas com este seu segundo disco não tenho mais dúvidas: ela deixa Linda numa vasta poeira, não devendo nada aos vivos e canponetas despejadas pela ex-primeira dama do California-sound".*

Valerie Carter: o endeusamento da deusa

Entre a decadência inglesa e o sofrimento brasileiro, a esperança. Também na música.

Quem liga as televisões nos telejornais e vê as primeiras, muitas e dramáticas páginas dos diários relatando as igualmente dolorosas secas e enchentes que maltratam o país, apesar de no Rio de Janeiro o sol ter voltado ontem e as praias superlotado, devendo reportar-se aos fatos artísticos impõe-se árdua tarefa, praticamente despojada dos sentidos mais amplos que o desejo jornalístico exige dos que militam em seus mais diversos campos de testemunho e análise. Ao que não escapa esse pedaço impresso.

Está certo, o espetáculo continua. Continua sempre quer se queira ou não. Mas trata-se de penoso exercício buscar em trabalhos de criação artística, no momento, significados dignos de leitura e reflexão, quando o atropelar dos fatos e do drama se impera nas consciências.

Se poderia falar de George Harrison, que finalmente concordou em armação de uma coletiva em que primeiro dedicará uma hora e meia à televisão, depois uma hora para a "especializada" e a hora final — antes de partir para o aeroporto — à "geral". E daí? Pergunta-se o quê, de novo, pode dizer o ex-Beatle, que sempre teve muito pouco a dizer com palavras, expressando-se com mais talento e conseqüência com seu instrumento. Em São Paulo ele foi claro: não sou um ex-Beatle, sou um guitarrista. Exatamente. Devia tocar e não falar, pois fatalmente se aborrecerá com perguntas mais incisivas ou sobre "a volta dos Beatles" e coisa e tal. Provavelmente ninguém vai lhe perguntar sobre a geral acusação dos desesperados punks que, na vertente inicial de sua música, está a revolta com os superstars do rock, que primeiro inundaram de lux e esperança sua geração e depois a trairam, entregando à indústria e aos grandes poderes a exploração de sua arte, colaborando para fortalecer ainda mais instituições que combatiam com sua música e seu comportamento. A desilusão teria levado os jovens dessa década de decadência e frio na Europa à criação de uma música que, por se reportar ao rock primitivo e fundamental, representava uma contestação e declaração de guerra aos músicos e criadores que passaram a formar num star-system que é hoje tão poderoso quanto o foi em Hollywood em seus anos dourados. Uma antimônica a expressar com espelhidão cristalina a antivida a que a crise (de energia, dinheiro, valores, esperanças) levou os jovens da ex-swinging London, as novas gerações do Império Britânico-esfacelado.

A música popular sempre interessa mais, é mais viva e poderosa quando se reporta diretamente à vida dos que a produzem e a consomem. Cada dia que passa, portanto, torna mais necessário um tributo aos que, jovens e talentosos em 68, conseguiram atravessar esses todos tantos dez anos dessa vertiginosa época vivos, sobrevivendo artística e humanamente, mudando, amadurecendo, sofrendo na carne o peso de seus sonhos e a conseqüência de seus desejos, vivos e ainda criando. Principalmente no Brasil.

Na Inglaterra, em 68, tanto em quantidade como em intensidade, os jovens não expressaram nas ruas e nas universidades as desesperanças e anseios de radical mudança como aconteceu na França, nos Estados Unidos e — tanto — no Brasil. Estavam mais encantados com a ascensão de seus porta-vozes aos topos das pirâmides de poder e influência, na realidade cabendo-lhes à luva a expressão ibrahiniana... deslumbrados. Maioria absoluta vinda da "working class" inglesa e — com raras exceções — preparada ou interessada em assumir as lideranças que um grande talento fez brotar de um tempo abençoado pela inquietação e a busca. Ouvia-se a voz solitária de John Lennon anunciando o fim do sonho para esses que acreditaram estar começando, embalados pelos que produziram música popular na generosa trilha aberta pelos Beatles, já namorando o olhos melosos as estruturas de poder que sempre foram soberanamente ironizadas por Lennon e dele receberam as críticas mais duras, faladas ou cantadas, ao mesmo tempo em que era capaz de detectar e levar à luz a imensa alegria que sua intuição lhe dizia estar escondida em todos aqueles jovens corações que adoleceram nos primeiros anos da década passada e amadureceram nas ruas, prisões, cemitérios, repartições públicas, escritórios, fábricas, escolas, hospitais, nos últimos anos desses florados "sessentinhas".

Os tempos hoje são duros e o que diferencia a metálica música da tragédia inglesa e os sons que inundam o Brasil é a esperança, em nós sobrevivente e se alimentando da certeza da terra e dos homens generosos, às vezes até temerariamente generosos mas sempre justificadamente esperançados no esforço dos que produzem e na fome dos que precisam. Ainda que seja de um samba ou uma marchinha.

TEATRO

TANIA PACHECO

Dois novos teatros para os cariocas

Dentro de precisamente um mês, o Rio de Janeiro deve ganhar dois novos teatros. O primeiro é um velho conhecido do público e da classe teatral, paralisado para obras e, segundo consta, prestes a ser reinaugurado — o João Caetano. O segundo trará para a Zona Sul carioca mais um palco, na Princesa Isabel. Seu nome foi discutido, retificado mas, segundo as últimas notícias, será Teatro Villa Lobos. Teoricamente, duas excelentes notícias.

Para a reabertura do João Caetano, entretanto, a Funterj decidiu um espetáculo à altura. "O rei de Ramos", de Dias Gomes, já estava nos planos de um produtor carioca, que desistira da empreitada após ter chegado até a formar equipe e a enviar aos jornais fotos das assinaturas dos respectivos contratos. O projeto foi retomado, desta vez pela Fundação dos Teatros, responsável igualmente pelas obras de restauração do João Caetano. Mantiveram-se os nomes escalados — Flávio Rangel, na direção; Gianni Ratto, na cenografia; Chico Buarque e Francis Hime, na música; e Paulo Gracindo liderando o elenco — e, com Cr$ 2 milhões 400 mil doados pela Funarte, os ensaios começaram.

Que fique bem claro: nada mais justo que montar-se um bom autor com uma boa equipe; nada mais justo que gastar-se o dinheiro público na produção de um bom espetáculo. Há, porém, uma pergunta intrigante: será necessário gastar tanto dinheiro — e será esta a melhor forma de gastá-lo —, para a montagem de um espetáculo, levando-se em consideração a realidade brasileira? Segundo uma informação da própria Funarte, à época da inauguração do seu Teatro, o custo total de construção e aparelhagem da sala foi de cerca de Cr$ 2 milhões. O Teatro Eugênio Kusnet, em São Paulo, custou precisamente Cr$ 2,4 milhões, salvo erro. E o total de verbas gastas pela Funarte e a Funterj estão inaugurando um teatro com um espetáculo que corresponde ao custo de outro teatro. E isso em um país carente de salas de espetáculo, se esquecermos o eixo Rio-São Paulo.

Mais: deixando de lado o possível preço a ser cobrado pelo ingresso para esta montagem, informa-se que o João Caetano será, para o teatro brasileiro, o que o Municipal ficou sendo para o canto: na visão de alguns, uma luxuosa casa de espetáculos; na visão de outros, um elefante branco. Uma das mais democráticas conquistas do artista brasileiro foi, durante muito tempo, a realização de temporadas populares no teatro da Praça Tiradentes. Na área da música, o Seis e Meia superlotava semanalmente o espaço que os atores ocupavam à noite. Segundo consta, tudo isso terminou com a reforma: nos "mármores e veludos", uma nova filosofia será implantada, semelhante à que obriga o público do Municipal ao uso do paletó e gravata.

Sobre o Teatro Villa Lobos, há poucas informações. Sua inauguração está prevista para o dia seguinte ao da reabertura do João Caetano, que é 6 de março. E, para estreá-lo, foi escolhida uma comédia francesa — "Pato com laranja" — ao que se sabe a ser interpretada por Marília Pera e Paulo Autran. Forma coerente talvez, de homenagear Villa Lobos e o teatro brasileiro.

Donzela Joana", de Hermilo Borba Filho, é a estréia de hoje no Teatro Glauce Rocha, pelo Mamembão. A montagem é do Teatro Universitário da Paraíba, com direção de Fernando Teixeira, adereços de Breno Mattos, músicas de Pedro Osmar, figurinos de Fernando Cavalcanti, cenários de Fernando Teixeira, coreografia de Elvira Amorim. No elenco, Clisenite Assis, Henrique Magalhães, João Costa, Marcus Vinicius, Osvaldo Travasso, José Pereira do Nascimento, Kleniison Nascimento, Ronald Lira, Hércules Felix, João Filho, Maria Augusta Nascimento, Gilvanete dos Santos, Ednaldo Egypto, Walter Venâncio e Luiz Carlos Cândido. Músicos: Pedro Osmar, Paulo Ró, João das Neves, José Olinto Borges e Caju.

● Amanhã, a partir das 18h, Noite de Autógrafos na Rua da Carioca. Da área teatral, estarão presentes: Leilah Assunção, Ferreira Gullar, Luiza Barreto Leite, Heloisa Marahão, Carlos Henrique de Escobar, João Ribeiro Chaves Neto, Clovis Levi, Odir Ramos, Pedro Porfírio, Dias Gomes, Ana Maria Machado, Wanda Fabian, Márcia de Almeida, Marcilio Moraes, Millôr Fernandes e outros.

● *Ainda em promoção da Rua da Carioca, o Cinema Iris estará apresentando amanhã, a partir das 21h30m, duas peças, adaptadas para a tevê e exibidas em telas ampliadas: "Réveillon", de Flávio*

● No Cacilda Becker, a estréia é "Eles não usam black-tie", de Gianfrancesco Guarnieri, em montagem da Companhia Teatro Gruta, de Brasília. O espetáculo tem direção de Chico Expedito; maquilagem de Jesus Fernando Vivas; cenário, — figurino e iluminação de J. Xavier Jr., Jesuíno Feitosa e Murilo Eckhardt; percussão de Arlindo, Jorge Paraibano e João Jacaré; sonoplastia de Gilmar Fernandes. No elenco: Décio Caldeira, Nercy Stella, Gê Martu, Tina, Gtaça Veloso, Marisa Carvalho, Chico Expedito, Lourdoca, Jesuíno Feitosa, Roberto Brito, Sérgio Vianna,

LIVROS

CARLOS MENEZES

Jovem cearense se estréia com epopéia pós-apocalíptica

Com o selo da *Editora Moderna*, de São Paulo, está chegando às livrarias *A cachoeira das eras*, romance de estréia do cearense *Carlos Emilio Corrêa Lima* (Fortaleza, 1956), que além de trabalhos literários em jornais e revistas, participou da antologia de contos *Aqui e agora* (organizada pela Cooperativa de Escritores do Paraná) *e Queda de braço* (coletânea de contos marginais brasileiros).

Segundo seus editores, *A cachoeira das eras* é uma epopéia pós-burguesa, pós-científica e pós-apocalíptica. Narração de uma coluna fantasmagórica de visionários que subverte os interiores de um Brasil mágico, aterrorizante e sem fronteiras. Descrição da última batalha entre os anjos das trevas e os da luz no interior de cidades, nas praias e nos sertões (Jarl X Juripari).

Sobre seu trabalho e sobre seus métodos de criação, diz *Carlos Emilio Corrêa de Lima*:

— Danço quando escrevo. Rodopio. Sinto-me cada vez mais longe daquilo que pensam que sou, daquilo que me obrigo muitas vezes a exigir que eu seja. Escrever é uma expedição até o fruto mais desconhecido possível para que todos saibam que cada um de nós tem condições de desvendar tesouros. De vez em quando, o vácuo me contorna. Passo então meses sem escrever e me perco, caminhando como um espantalho desenganado, cabelos negros de palha, pelas ruas das grandes cidades.

— Sou um escritor cunhado nas derradeiras tabuinhas da História. E provável. Escrevendo encontrei-me há tempos porque o prendício de que tudo acabaria antes do século me fez lutar para que os fluxos se invertessem. Daí este livro e outros que continuamente vão sair. É preciso que se diga uma coisa: somos os possivelmente derradeiros escritores, leitores, seres humanos. E urgente que um pânico seja tão enorme, que nos tornemos tão esfacelados, tão multiplicados, que a natureza grite em explosão de vozes para que os ecos se enraizem em todos nós e nos amedeçam os lábios para palavras sábias e corretas. Aí, então haverá o sim pronunciado, escrito e esculpido, em música.

Carlos Emilio Corrêa Lima foi um dos fundadores e organizadores da revista *O sexo*, mensário nordestino de cultura que circulou durante mais de um ano em todo o Brasil.

— Acho que escrevemos — diz ele — pela vontade combinatória de todos os elementos. *A cachoeira das eras* obedeceu a certos ditames da Lua, quiçá do mar. Foi uma impulsão premonitória que me levou a vivenciar na carne e no espírito e no que temos de minério prescrutador e falante uma outra longa e vertical história. E um livro sobre a liberdade.

Para a estante de poesia: *O atlas no quarto*, de *Gastão de Holanda*, Ed. *Fontana*, Pernambucano de Recife (1919), *Gastão de Holanda* cursou literatura na Sorbonne, em 1951, e em 1954 conquistou o Prêmio IV Centenário de São Paulo, com o romance *Os escorpiões*. Foi professor nas universidades federais de Pernambuco e da Paraíba. E o fundador da Editora Fontana e da revista *José*. Como ficcionista, publicou ainda os romances *O burro de ouro* e *Macaco branco*, e *Zona de silêncio* (contos). Como poeta, tem as coletâneas *Eu te previsono*, *Capibaribe*, o *ice-berg do ar*, agora incluído neste *O atlas do quarto*.

★★★ *Da janela do 1º andar*, de *Fábio Martins Lopes*, de 10 anos, filho dos escritores Moacir C. Lopes primeiro suspiro que os pássaros e as fontes te ensinaram ... Teu livro ajuda a dar uma ordem a todos nós na luta lado a lado com o irmão de nossa amizade e o irmão que não conhecemos lá de fora. ★★★ *Selva selvagem*, de *José Casemiro Borges*, *Cátedra/INL*. ★★★ *Galpão de estância*, de *Jayme Caetano Braun*, *Editora Sulina*, segunda edição.

★★★ *O ofício da busca* (e outros ofícios), de *Waldimir Maia Leite*, *Companhia Editora de Pernambuco*.

★★★ *Tessitura do meu grito*, de *Mário Sombra*, edição do autor.

★★★ *Fiação do semestre*, de *Antonio Fantinato*, *Artenova*. ★★★ *Traços de Idílias* (Poemas acromáticos), de *Baptista Siqueira*, *Mini-Gráfica Editora*, de Teresópolis. ★★★ *Ruas caladas*, de *Marialzira Perestrello*, *Nova Fronteira*. ★★★ *Canto em silêncio*, de

● Para celebrar o tombamento da Rua da Carioca pelo Patrimônio Histórico, realiza-se, amanhã, ali, a partir das 18 horas festa de autógrafos com a presença, entre outros escritores, de Cícero Sandroni, Sônia Coutinho, Gema Benedikt, Alceu Amoroso Lima, Rubem Braga, Edna Savaget, Jaguar, Renard Peres, Homero Homem, Millor Fernandes, Artur da Tavola, Fausto Wolf, Kurt Mirow, Carlos Henrique Escobar, Elias Fajardo e Márcia de Almeida.

● *As muito rápidas* — *Vera Pacheco Jordão*, crítica de artes plásticas, está concluindo *A criança na arte brasileira*, próximo lançamento da *Salamandra*. O trabalho, que se associa às manifestações do Ano Internacional da Criança, mostrará a criança como tema dos grandes artistas plásticos brasileiros. ★★★ *Ronaldo Rogério de Freitas Mourão* recebeu o prêmio "José Reis", concedido pelo CNPq ao melhor trabalho de divulgação científica, por seu livro *Astronomia e astronáutica*, recente lançamento da *Francisco Alves*. ★★★ *Alvaro Alves de Faria* assinou contrato com a *Atica* para a edição de seu livro *A isca no ventre*. ★★★ De *Dirceu Alves* à Editora *Soma* lançará, neste primeiro semestre de 1979, o livro-reportagem *Ninguém quer achar esse cadáver*, focalizando o seqüestro do menino Carlinhos. ★★★ *Luiz Roberto Malta*, gerente editorial da *Summus*, dá a boa nova: toda a obra de *Osmar Lins* vai ser relançada, a começar por *O fiel e a pedra*. ★★★ O último número da revista *Brasil Cultura*, editada em Buenos Aires pela Embaixada do Brasil, traz o conto *Turco de Hélio Pólvora*, em tradução de Andrea Dissler. Esse conto integra a coletânea *Noites vivas*, recém-relançada pela *Antares*. ★★★ Edilberto Coutinho (*Um negro vai à forca*) está nos Estados Unidos, percorrendo extenso circuito universitário, em missão de divulgação cultural, voltará no Brasil em março próximo. ★★★ *Menino do engenho*, de José Lins do Rego, foi lançado em Seul (Coréia do Sul), com o selo da editora *Joong Ang Il Bo*, a mesma que publicou *A muralha*, de